A CRISE DO MUNDO MODERNO

RENÉ GUÉNON

"Excertos Selecionados"

APRESENTAÇÃO

1. "Portanto, se se diz que o Mundo Moderno sofre uma crise, o que se entende mais habitualmente por isso é que ele chegou a um ponto crítico, ou noutros termos, que uma transformação mais ou menos profunda está iminente, que uma mudança de orientação deverá inevitavelmente produzir-se a breve prazo, a bem ou a mal, de modo mais ou menos brusco, com ou sem catástrofe". (pág. 28/29)

2. "Não é certamente 'por acaso' que tantos espíritos estão hoje atormentados pela idéia do 'fim do Mundo'; podemos lamentá-lo em certo sentido, porque as extravagâncias às quais dá origem esta idéia mal compreendida, as divagações 'messiânicas' que são a sua conseqüência em diversos meios, todas estas manifestações provenientes do desequilíbrio mental da nossa época, só fazem agravar ainda mais este mesmo desequilíbrio em proporções que não são absolutamente negligenciáveis". (pág. 31)

3. "Este fim não é, sem dúvida, o 'fim do Mundo', no sentido total em que alguns o querem entender, mas é, pelo menos, o fim de um mundo; e se o que deve acabar é a civilização ocidental sob a sua forma atual, é compreensível que aqueles que se habituaram a nada mais ver que esteja fora dela, a considerá-la como 'a civilização' sem epíteto, julguem facilmente que tudo acabará como ela, e que, se ela desaparecer, será realmente o 'fim do Mundo' ".

   "Diremos, então, para remeter as coisas às suas justas proporções, que parece que nos aproximamos realmente do fim de um Mundo, ou seja, do fim de uma época ou de um ciclo histórico que pode, além disso, estar em correspondência com um ciclo cósmico, segundo o que ensinam a este respeito as doutrinas tradicionais". (pág. 32/33)

CAPÍTULO PRIMEIRO – A IDADE SOMBRIA

4. "A doutrina hindu ensina que a duração de um ciclo humano, ao qual dá o nome de *Manvantara*, divide-se em quatro Idades, que marcam outras tantas fases de um obscurecimento gradual da espiritualidade primordial; são estes mesmos períodos que as tradições da Antiguidade ocidental, por seu lado, designavam como as Idades de Ouro, de Prata, de Bronze e de Ferro. Estamos presentemente na quarta Idade, *'Kali-Yuga'* ou "Idade Sombria", e estamos nela, afirma-se, desde há mais de seis mil anos, ou seja, desde uma época bastante anterior a todas aquelas que são conhecidas da História 'clássica'. Desde então, as verdades que eram outrora acessíveis a todos os homens tornaram-se cada vez mais dissimuladas e difíceis de atingir; aqueles que as possuem são cada vez menos numerosos e, se o tesouro da sabedoria 'não humana', anterior a todas as idades, nunca se pode perder, envolve-se em véus cada vez mais impenetráveis, que o escondem aos olhares e sob os quais é extremamente difícil descobri-lo. É por isso que por toda a parte é feita questão, sob diversos símbolos, de qualquer coisa que se perdeu, pelo menos aparentemente e em relação ao mundo exterior, e que devem encontrar aqueles que aspiram ao verdadeiro conhecimento[1]; mas é

[1] É o caso da "palavra perdida' da simbologia maçônica ou do "nome secreto" de Deus para os Judeus, para citar apenas alguns exemplos. (A.C.C.)

também afirmado que aquilo que está assim escondido voltará a ser visível no fim deste ciclo, que será ao mesmo tempo, em virtude da continuidade que liga todas as coisas entre elas, o começo de um ciclo novo”.

“Mas, perguntarão, sem dúvida, por que é que o desenvolvimento cíclico se deve assim cumprir num sentido descendente, indo do superior para o inferior, o que, como será facilmente notado, é a própria negação da idéia de ‘progresso’, tal como os modernos a entendem? É que o desenvolvimento de toda a manifestação implica necessariamente um afastamento cada vez maior do princípio do qual ela procede; ...” (pág. 35/36)

5. “A Antiguidade dita ‘clássica’ não é, então, para dizer a verdade, senão uma antiguidade muito relativa e mesmo muito mais próxima dos tempos modernos do que a verdadeira Antiguidade, visto que ela não remonta sequer à metade de *‘Kali-Yuga’*, cuja duração é apenas, segundo a doutrina hindu, a décima parte da do *Manvantara*; e por aí se poderá suficientemente avaliar até que ponto os modernos têm razão de se sentirem orgulhosos com a extensão dos seus conhecimentos históricos!”. (pág. 39)

6. “Poder-se-ia, aliás, conceber que a decadência da civilização antiga tenha conduzido, de modo gradual e sem solução de continuidade, a um estado mais ou menos semelhante ao que vemos hoje; mas não foi efetivamente assim e, no intervalo, houve para o Ocidente uma outra época crítica que foi, ao mesmo tempo, uma dessas épocas de recuperação às quais fazíamos há pouco alusão”.

“Essa época é a do começo e da expansão do Cristianismo, coincidindo, por um lado, com a dispersão do povo judeu e, por outro lado, com a última fase da civilização greco-latina; e podemos passar mais rapidamente por cima destes acontecimentos, apesar da sua importância, porque eles são geralmente mais conhecidos do que aqueles que temos falado até agora, e porque o seu sincronismo foi mais notado, mesmo pelos historiadores cujas visões são mais superficiais. Também se assinalaram bastantes vezes certos traços comuns à decadência e à época atual; e, sem querer levar demasiado longe o paralelismo, deve-se reconhecer que há realmente algumas semelhanças bastante surpreendentes. A Filosofia puramente ‘profana’ tinha ganho terreno: a aparição do ceticismo, por um lado, o sucesso do ‘moralismo’ estóico e epicuriano, por outro lado, mostram bem a que ponto a intelectualidade se tinha reduzido. Ao mesmo tempo, as antigas doutrinas sagradas, que quase ninguém já compreendia, tinham degenerado, por causa dessa incompreensão, em ‘paganismo’, no verdadeiro sentido dessa palavra – quer dizer que elas não eram mais do que ‘superstições’, coisas que, tendo perdido a sua significação profunda, se sobreviviam a elas mesmas através de manifestações totalmente exteriores. Houve também tentativas de reação contra essa decadência: o próprio Helenismo tentou revificar-se com a ajuda de elementos pedidos de empréstimo às doutrinas orientais com as quais se podia manter em contato; mas isso já não era suficiente, a civilização greco-latina devia terminar e a correção devia vir de outro lado e operar-se sob outra forma. Foi o Cristianismo quem efetuou essa transformação; e, notemo-lo de passagem, a comparação que se pode estabelecer, sob certa relação, entre esse tempo e o nosso é talvez um dos elementos determinantes do ‘messianismo’ desordenado que aparece atualmente à luz do dia. Depois do conturbado período das invasões bárbaras, necessário para concluir a destruição do antigo estado de coisas, uma ordem normal foi restaurada para durar alguns séculos; foi a Idade Média, tão desconhecida dos modernos, que são incapazes de compreender a sua intelectualidade e para quem essa época parece certamente muito mais estranha e distante do que a Antiguidade ‘clássica’ ”.

“A verdadeira Idade Média, para nós, estende-se do reinado de Carlos Magno até o começo do século XIV; nesta última data começa uma nova decadência que, através de diversas etapas, ir-se-á acentuando até nós. É aí que se situa o verdadeiro ponto de partida da crise moderna; é o começo da desagregação da ‘Cristandade’, à qual se identificava essencialmente a civilização ocidental da Idade

Média; é, ao mesmo tempo que o fim do regime feudal, estreitamente solidário com essa mesma ‘Cristandade’, a origem da constituição das ‘nacionalidades’ “. (pág. 44/45/46)

7. “Há uma palavra que recebeu honrarias no Renascimento e que resumia, já nessa altura, todo o programa da civilização moderna: é a palavra ‘humanismo’. Tratava-se, com efeito, de reduzir tudo a proporções puramente humanas, de fazer abstração de todo o princípio de ordem superior, e, poderíamos dizer simbolicamente, de se afastar do céu sob pretexto de conquistar a terra;...” (pág. 48)

CAPÍTULO SEGUNDO – A OPOSIÇÃO ENTRE ORIENTE E OCIDENTE

8. “...não existe entre elas (as civilizações tradicionais) nenhuma oposição essencial, e as divergências, se existem, nada mais são do que exteriores e superficiais. Pelo contrário, uma civilização que não reconhece nenhum princípio superior, que na realidade é baseada apenas numa negação de princípios, é por isso mesmo desprovida de todos os meios de entendimento com as outras, porque esse entendimento para ser verdadeiramente profundo e eficaz, só pode ser estabelecido a partir do alto, ou seja, precisamente por aquilo que falta a esta civilização anormal e desviada”. (pág. 53/54)
9. “Em certas épocas, das quais a mais próxima é a Idade Média, o espírito ocidental assemelhava-se muito, pelos seus aspectos mais importantes, ao que é ainda hoje o espírito oriental, bem mais do que ao que se tornou nos tempos modernos; a civilização ocidental era então comparável às civilizações orientais, ao mesmo título em que estas o são entre si”. (pág. 55)
10. “Não se encontrando nenhuma Tradição autêntica sobre a qual seja possível apoiar-se, vai-se até o ponto de imaginar pseudo-tradições que nunca existiram, e a que faltam os princípios tanto como o que queriam substituir; toda a desordem moderna se reflete nestas construções, e, quaisquer que possam ser as intenções dos seus autores, o único resultado que obtêm é o de darem uma nova contribuição para o desequilíbrio geral “. (pág. 57)
11. “Qualquer tentativa ‘tradicionalista’ que não leve em conta este fato (de que somente no Catolicismo se encontram os restos do espírito tradicional) está inevitavelmente voltada ao insucesso, porque carece de base; é demasiado evidente que só se pode apoiar no que existe de modo efetivo, e que, aí onde falta a continuidade, só pode haver reconstituições artificiais que não poderiam ser viáveis; se se objeta que o próprio Cristianismo, na nossa época, já não é verdadeiramente compreendido no seu sentido mais profundo, responderemos que, pelo menos, ele conservou, na sua própria forma, tudo o que é necessário para fornecer a base de que se necessita”. (pág. 60)
12. “Uma filosofia, mesmo se é verdadeiramente tudo o que ela pode ser, não tem qualquer direito a esse título, porque se mantém inteiramente na ordem racional, ainda que não negue o que a ultrapassa, e porque é apenas uma construção erguida por indivíduos humanos, sem revelação ou inspiração de qualquer espécie, ou, para resumir tudo isso numa única palavra, porque ela é qualquer coisa de essencialmente ‘profano’ ”. (pág. 62/63)

CAPÍTULO TERCEIRO – CONHECIMENTO E AÇÃO

13. “A oposição (entre contemplação e ação) existe efetivamente nas aparências, isso é incontestável; e, no entanto, se ela fosse absolutamente irredutível, haveria uma incompatibilidade completa entre contemplação e ação, que, desse modo, nunca se poderiam encontrar reunidas. Ora de fato não é bem assim; não há, pelo menos nos casos normais, povo, nem mesmo talvez indivíduo, que possa ser exclusivamente contemplativo ou ativo.“ (pág. 68)

14. “Poder-se-ia dizer que a antítese do Oriente e do Ocidente, no estado atual das coisas, consiste em que o Oriente mantém a superioridade da contemplação sobre a ação, enquanto o Ocidente moderno afirma, pelo contrário, a superioridade da ação sobre a contemplação”. (pág. 70/71)

15. “É realmente esse o caráter mais visível da época moderna: necessidade de agitação incessante, de contínua mudança, de velocidade sem cessar crescente, como aquela a que se desenrolam os próprios acontecimentos. É a dispersão na multiplicidade, e numa multiplicidade que já não está unificada pela consciência de qualquer princípio superior”. (pág. 73)

16. “Podemos mesmo ir mais longe: é a negação de todo o conhecimento real, em qualquer ordem que seja, mesmo no relativo, visto que, como indicávamos mais atrás, o relativo é ininteligível e impossível sem o absoluto, o contingente sem o necessário, a mudança sem o imutável, a multiplicidade sem a unidade; o ‘relativismo’ encerra uma contradição em si próprio, e, quando se quer tudo reduzir à mudança, dever-se-ia chegar logicamente ao ponto de negar a própria existência da mudança; no fundo, os famosos argumentos de Zenão de Eléia não tinham outro sentido”. (pág. 75)

Capítulo Quarto – Ciência Sagrada e Ciência Profana

17. “Acabamos de dizer que nas civilizações que possuem caráter tradicional a intuição intelectual está no princípio de tudo; por outras palavras, é a pura doutrina metafísica que constitui o essencial, e tudo o resto se liga a ela a título de conseqüências ou de aplicações nas diversas ordens de realidades contingentes”. (pág. 79)

18. “A verdade é que o ponto de vista (da Física antiga) é totalmente diferente, e é aqui que vemos aparecer a diferença essencial entre as duas concepções de que falávamos há pouco: a concepção tradicional, dizíamos, liga todas as ciências aos princípios, com outras tantas aplicações particulares, e é essa ligação que a concepção moderna não admite. Para Aristóteles, a Física era apenas ‘segunda’ em relação à Metafísica, quer dizer que ela estava dependente desta, no fundo era apenas uma aplicação ao domínio da Natureza dos princípios superiores à Natureza e que se refletem nas suas leis; e pode-se dizer outro tanto da ‘cosmologia’ da Idade Média. A concepção moderna, pelo contrário, pretende tornar as ciências independentes, negando tudo o que as ultrapassa, ou pelo menos declarando-o ‘incognoscível’ e recusando tomá-lo em conta, o que acaba ainda por significar negá-lo na prática; essa negação existia, de fato, muito tempo antes que se tenha pensado em erigi-la em teoria sistemática sob nomes tais como os de ‘positivismo’ e de ‘agnosticismo’, porque se pode dizer que ela se encontra verdadeiramente com o ponto de partida de toda a ciência moderna. Simplesmente, só no século XIX é que se pôde ver homens vangloriarem-se da sua ignorância, porque proclamar-se ‘agnóstico’ não significa outra coisa, e pretenderem proibir a todos o conhecimento do que eles próprios ignoravam; e isso marcou mais uma etapa na queda intelectual do Ocidente”. (pág. 82/83)

19. “É, aliás, uma singular ilusão, própria do ‘experimentalismo’ moderno, julgar que uma teoria pode ser provada pelo fatos, quando, na realidade, os mesmos fatos podem sempre explicar-se igualmente por diversas teorias diferentes, e certos promotores do método experimental, como Claude Bernard, reconheceram eles próprios que não podiam interpretá-los senão com a ajuda de ‘idéias preconcebidas’, sem as quais estes fatos permaneceriam ‘fatos em bruto’, desprovidos de qualquer significação e de qualquer valor científico”. (pág. 85)

20. “É assim que, por exemplo, é falso dizer, como se faz habitualmente, que a Astrologia e a Alquimia se tornaram respectivamente a Astronomia e a Química modernas, embora haja nesta opinião uma certa parte de verdade do ponto de vista simplesmente histórico, parte de verdade que é exatamente a que acabamos de indicar: se as últimas destas ciências procedem efetivamente das primeiras num certo

sentido, não ´é por ‘evolução’ ou ‘progresso’, como se pretende, mas pelo contrário, por degenerescência; e isto pede ainda algumas explicações”. (pág. 86/87)

21. “O que deu origem à Química moderna não foi essa Alquimia, com a qual não tem, em suma, qualquer relação; foi antes uma deformação, um desvio no sentido mais rigoroso da palavra, desvio ao qual deu lugar, talvez desde a Idade Média, a incompreensão de alguns que, incapazes de penetrar o verdadeiro sentido dos símbolos, tomaram tudo à letra e, julgando que não se tratava em tudo isto senão de operações materiais, lançaram-se numa experimentação mais ou menos desordenada. Eram esses, que os alquimistas qualificavam ironicamente de ‘sopradores’ e de ‘queimadores de carvão’, os verdadeiros precursores dos químicos atuais; e é assim que a ciência moderna se edifica com o auxílio dos restos das ciências antigas, com os materiais rejeitados por estas e abandonados aos ignorantes e aos ‘profanos’ “. (pág. 88)
22. “Num outro domínio poder-se-ia também mostrar que as Matemáticas modernas representam apenas, por assim dizer, a casca da Matemática pitagórica, o seu lado puramente ‘exotérico’; a antiga idéia dos números tornou-se mesmo absolutamente ininteligível para os modernos, porque também aí a parte superior da ciência, aquela que lhe dava, com o caráter tradicional, um valor propriamente intelectual, desapareceu totalmente; e este caso é bastante comparável ao da Astrologia ”. (pág. 89)
23. “As ciências não podem ser constituídas validamente, enquanto ‘ciências sagradas’, senão por aqueles que, antes de tudo o mais, possuem plenamente o conhecimento principial e que, por isso, são os únicos qualificados para realizar, em conformidade com a ortodoxia tradicional mais rigorosa, todas as adaptações requeridas pelas circunstâncias de tempo e de lugar”. (pág. 91)
24. “Além disso, em virtude da correspondência existente entre todas as ordens da realidade, as verdades de uma ordem inferior podem ser consideradas como um símbolo das verdades das ordens superiores, e, seguidamente, servir de ‘suporte’ para chegar analogicamente ao conhecimento destas últimas[2], é isso que confere a qualquer ciência o sentido superior ou ‘anagógico’, mais profundo do que aquele que ela possui em si mesma, e que pode dar-lhe o caráter de uma verdadeira ‘ciência sagrada’ “. (pág. 92)

CAPÍTULO QUINTO – O INDIVIDUALISMO

25. “Entendemos por ‘individualismo’ a negação de qualquer princípio superior à individualidade e, por conseqüência, a redução da civilização, em todos os domínios, apenas aos elementos humanos; no fundo, é então a mesma coisa que foi designada na época do Renascimento pelo nome de ‘Humanismo”, como dissemos mais atrás, e é também o que caracteriza propriamente o que chamávamos, há pouco, o ‘ponto de vista profano’ ”. (pág. 95)
26. “O individualismo implica primeiramente a negação da intelectual, enquanto esta é essencialmente uma faculdade supra-individual, e da ordem de conhecimento que constitui o domínio próprio dessa intuição, ou seja, da Metafísica entendida no seu verdadeiro sentido”. (pág. 96)
27. “Numa civilização tradicional é quase inconcebível que um homem pretenda reivindicar a propriedade de uma idéia, e, em todo o caso, se o faz, retira-lhe, por esse mesmo fato, todo o crédito e toda a autoridade, porque a reduz, assim, a ser apenas uma espécie de fantasia sem qualquer alcance real: se uma idéia é verdadeira, ela pertence igualmente a todos aqueles que são capazes de a compreender; se ela é falsa, não há motivo para se vangloriar de a ter inventado”. (pág. 97)

[2] É o papel que desempenha, por exemplo, o simbolismo astronômico, tão freqüentemente utilizado nas diferentes doutrinas tradicionais; e o que dizemos aqui pode fazer entrever a verdadeira natureza de uma ciência tal como a Astrologia antiga.

28. “Visto que falamos da filosofia, assinalaremos ainda, sem entrar em todos os pormenores, algumas das conseqüências do individualismo neste domínio: a primeira de todas foi, pela negação da intuição intelectual, colocar a razão acima de tudo, fazer dessa faculdade puramente humana e relativa a parte superior da inteligência, ou mesmo de reduzir inteiramente esta à razão; é isso que constitui o ‘racionalismo’, de que o verdadeiro fundador foi Descartes”. (pág. 98)

29. “Depois de tudo isto, só restava dar mais um passo: era o da negação total da inteligência e do conhecimento, a substituição da ‘verdade’ pela ‘utilidade’; foi o ‘pragmatismo’, ao qual já tínhamos feito alusão há pouco; e aqui não estamos mesmo já no humano puro e simples, como no caso o do racionalismo’, estamos verdadeiramente no infra-humano, com o apelo ao ‘subconsciente’, que marca a inversão completa de toda a hierarquia normal”. (pág. 99)

30. “...à autoridade da organização qualificada para interpretar legitimamente a tradição religiosa do Ocidente, o Protestantismo pretendeu substituir o que chamou o ‘livre exame’, ou seja, a interpretação deixada ao arbítrio de cada um, mesmo dos ignorantes e dos incompetentes, e fundada unicamente sobre o exercício da razão humana. Era, portanto, no domínio religioso o análogo do que iria ser do ‘racionalismo’ em Filosofia; era a porta aberta a todas as discussões, a todas as divergências, a todos os desvios; e o resultado foi o que devia ser: a dispersão numa multidão sempre crescente de seitas, das quais cada uma representa apenas a opinião particular de alguns indivíduos”. (pág. 102)

31. “Nada nem ninguém se encontra já no lugar onde deveria normalmente estar; os homens já não reconhecem nenhuma autoridade efetiva na ordem espiritual, nenhum poder legítimo na ordem temporal; os ‘profanos’ permitem-se discutir as coisas sagradas, contestar-lhe esse caráter e até a própria existência; é o inferior que julga o superior, a ignorância que impõe limites à sabedoria, o erro que ultrapassa a verdade, o humano que se substitui ao divino, a terra que toma a dianteira ao céu, o indivíduo que se faz medida de todas as coisas e pretende ditar ao Universo leis tiradas inteiramente da sua própria razão relativa e falível. ‘Ai de vós, guias cegos’, diz-se no Evangelho; hoje, efetivamente, só se vêem por toda a parte cegos que conduzem outros cegos e que, se não forem detidos a tempo, os conduzirão fatalmente ao abismo, onde cairão com eles”. (pág. 110)

CAPÍTULO SEXTO – O CAOS SOCIAL

32. “Como indicávamos a pouco, ninguém, no presente estado do Mundo ocidental, se encontra já no lugar que lhe convém normalmente em virtude da sua própria natureza; é o que se exprime dizendo que as castas já não existem, porque a casta, entendida no seu verdadeiro sentido tradicional, não é outra coisa senão a própria natureza individual, com todo o conjunto das aptidões especiais que ela comporta e que predispõem cada homem ao cumprimento desta ou daquela função determinada”. (pág 112)

33. “No entanto, se refletirmos nesse fato apercebemo-nos facilmente que não há nisso nada de que nos devamos espantar, e que é, em suma, apenas o resultado muito natural da concepção ‘democrática’, em virtude da qual o poder vem de baixo e apóia-se essencialmente sobre a maioria, o que tem necessariamente por corolário a exclusão de toda a verdadeira competência, porque a competência é sempre uma superioridade pelo menos relativa e só pode ser o apanágio de uma minoria”. (pág. 115)

34. “Se se define a ‘democracia’ como governo do povo por si mesmo, trata-se de uma verdadeira impossibilidade, uma coisa que nem mesmo pode ter simples existência de fato, e não mais na nossa época do que em qualquer outra; não nos devemos deixar enganar pelas palavras e é contraditório admitir que os mesmos homens possam ser simultaneamente governantes e governados, visto que, para utilizar a linguagem aristotélica, um mesmo ser não pode ser ‘em ato’ e ‘em potência’ ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto”. (pág. 117)

35. “Mas vamos mais ao fundo da questão: o que é exatamente essa lei do maior número que invocam os governos modernos e de que pretendem extrair a sua única justificação? É simplesmente a lei da matéria e da força bruta, a lei em virtude da qual uma massa, arrastada pelo seu peso, esmaga tudo o que se encontra no seu caminho; é aí que se encontra precisamente o ponto de junção entre a concepção ‘democrática’ e o ‘materialismo’ e é também o que faz que essa mesma concepção esteja tão estreitamente ligada à mentalidade atual. É a inversão completa da ordem normal, visto que é a proclamação da supremacia da multiplicidade como tal, supremacia que, de fato, só existe no mundo material[3]; pelo contrário no mundo espiritual e, mais simplesmente ainda na ordem universal, é a unidade que está no cimo da hierarquia, porque ela é o princípio de onde parte toda a multiplicidade[4]; mas quando o princípio é negado ou perdido de vista, só resta a multiplicidade pura, que se identifica com a própria matéria”. (pág. 119/120)

CAPÍTULO SÉTIMO – UMA CIVILIZAÇÃO MATERIAL

36. “Toda a ciência ‘profana’ que se desenvolveu no decurso dos últimos séculos é apenas o estado do mundo sensível, encerrou-se aí exclusivamente, e os seus métodos só são aplicáveis a esse domínio; ora esses métodos são proclamados ‘científicos’ com exclusão de qualquer outro, o que é o mesmo que negar toda a ciência que não se relacione com as coisas materiais”. (pág. 126)
37. “O espiritualismo, apesar do seu nome, nada tem de comum com a espiritualidade; o seu debate com o materialismo só pode deixar perfeitamente indiferentes aqueles que se situam num ponto de vista superior, e que vêem que estes contrários estão, no fundo, bem perto de ser simples equivalentes, que a pretensa oposição, sobre muitos pontos, se reduz a uma vulgar disputa de palavras”. (pág. 128/129)
38. “Os modernos, em geral, não concebem outra ciência que não seja a das coisas que se medem, se contam e se pesam, quer dizer ainda, em suma, das coisas materiais, porque é apenas a estas que se pode aplicar o ponto de vista quantitativo; e a pretensão de reduzir a qualidade à quantidade é muito característica da ciência moderna”. (pág. 129)
39. “ O Mundo Moderno aplicou todas as suas forças, mesmo quando pretendeu fazer ciência à sua maneira, na realidade apenas ao desenvolvimento da indústria e do ‘maquinismo’; e querendo, assim, dominar a matéria e domá-la para seu uso, os homens não conseguiram mais do que fazer-se seus escravos, como dizíamos no começo: não somente limitaram as suas ambições pessoais, se é ainda permitido utilizar esta palavra em semelhante caso, a inventar e a construir máquinas, mas acabaram, também, por se tornar, eles próprios, verdadeiras máquinas”. (pág. 132)
40. “Com efeito, trata-se unicamente de produzir o mais possível; a qualidade pouco os preocupa, só a quantidade interessa; voltamos uma vez mais à mesma verificação que tínhamos já feito noutros domínios: a civilização moderna é realmente o que se pode chamar uma civilização quantitativa, o que não é senão uma outra maneira de dizer que é uma civilização material”. (pág 132)
41. “O Ocidente moderno não pode tolerar que haja homens que prefiram trabalhar menos e contentar-se com pouco para viver; como só a quantidade conta, e como o que não cai sob o domínio dos sentidos é, aliás, tido como inexistente, admite-se que aquele que se não agita e que não produz materialmente só pode ser um ‘preguiçoso’; sem mesmo falar, a este respeito, das apreciações feitas correntemente acerca dos povos orientais, basta ver como são julgadas as ordens contemplativas, e isso mesmo nos meios chamados religiosos. Num tal mundo, não existe lugar para a inteligência nem para tudo o que é puramente interior, porque se trata de coisas que não se vêem nem se tocam, que não se contam nem se pesam; não há lugar senão para a ação exterior sob todas as suas formas, incluindo as mais

[3] Basta ler S. Tomás de Aquino para ver que *“numerus stat ex parte materiæ”*.

[4] De uma ordem de realidade à outra, a analogia, aqui como em todos os casos similares, aplica-se estritamente em sentido inverso.

desprovidas de qualquer significação. Assim, não nos devemos espantar que a mania anglo-saxônica do 'desporto' ganhe cada dia mais terreno; o ideal deste mundo é o 'animal humano' que desenvolveu ao máximo a sua força muscular; os seus heróis são os atletas, mesmo que sejam brutos; são esses que suscitam o entusiasmo popular, é pelas suas proezas que as multidões se apaixonam; um mundo onde se podem ver tais coisas caiu realmente muito baixo e parece muito perto do seu fim". (pág. 138)

42. "Daí a concorrência feroz que certos 'evolucionistas' elevaram à dignidade de lei científica sob o nome de 'luta pela vida' e de que a conseqüência lógica é que só os mais fortes, no sentido mais estritamente material dessa palavra, têm direito à existência. Daí, também, a inveja e mesmo o ódio de que são objetos aqueles que possuem a riqueza por parte daqueles que dela são desprovidos; como é que homens a quem se pregaram as teorias 'igualitárias' poderiam não se revoltar verificando à sua volta a desigualdade sob a forma que lhes deve ser mais sensível, visto que é da ordem mais grosseira?". (pág. 139)
43. "Sabemos bem que alguns nos vão censurar por termos, ao falarmos do materialismo da civilização moderna como acabamos de o fazer, desprezado certos elementos que parecem constituir, pelo menos, uma atenuação desse materialismo; e, com efeito, se não houvesse nenhuma, é muito provável que essa civilização tivesse já perecido lamentavelmente". (pág 140)
44. "Diz-se que o Ocidente moderno é cristão, mas isso é um erro: o espírito moderno é anti-cristão porque é essencialmente anti-religioso; e é anti-religioso porque, generalizando ainda mais, é anti-tradicional; é isso que constitui o seu caráter próprio e o que o faz ser o que é". (pág. 141)
45. "Iremos mesmo mais longe, e diremos que tudo o que pode haver de válido no Mundo Moderno é proveniente do Cristianismo ou, pelo menos, através do Cristianismo, que trouxe com ele toda a herança das tradições anteriores, que a conservou viva tanto quanto o permitiu o estado do Ocidente, e que continua a conservar em si mesmo as possibilidades latentes; mas quem é que hoje, mesmo entre aqueles que se afirmam cristãos, tem ainda a consciência efetiva dessas possibilidades?". (pág. 142)

CAPÍTULO OITAVO – A INVASÃO OCIDENTAL

46. "Certamente a invasão ocidental não é recente, mas até aqui tinha-se limitado a uma dominação mais ou menos brutal exercida sobre os outros povos e cujos efeitos estavam limitados ao domínio político e econômico; apesar de todos os esforços de uma propaganda revestindo-se de múltiplas formas, o espírito oriental era impenetrável a todos os desvios e as antigas civilizações tradicionais subsistiam intactas. Hoje, pelo contrário, há orientais que estão mais ou menos completamente 'ocidentalizados', que abandonaram a sua tradição para adotar todas as aberrações do espírito moderno e esses elementos desviados, graças ao ensino das universidades européias e americanas, tornaram-se, no seu próprio país, causa de perturbação e agitação". (pág. 143)
47. "A única questão que se põe é esta: o Oriente não terá que sofrer, por causa do espírito moderno, senão uma crise passageira e superficial, ou será que o Ocidente irá arrastar na sua queda a Humanidade inteira?" (pág. 145)

CAPÍTULO NONO – ALGUMAS CONCLUSÕES

48. "É por isso que, para voltar mais especialmente à questão que nos ocupa atualmente, pode-se dizer que, se todos os homens compreendessem o que é verdadeiramente o Mundo Moderno, este deixaria imediatamente de existir porque a sua existência, como a da ignorância e de tudo que é limitação, é puramente negativa: não é mais do que a negação da verdade tradicional e supra-humana. Essa mudança produzir-se-ia, assim, sem qualquer catástrofe, o que parece quase impossível por qualquer outro meio; estaremos, então, errados se afirmarmos que um tal conhecimento é suscetível de conseqüências práticas verdadeiramente incalculáveis? Mas,por outro lado, parece, infelizmente, bem

difícil admitir que todos cheguem a esse conhecimento de que a maior parte dos homens estão certamente hoje mais afastados do que nunca o estiveram; é verdade que isso não é de nenhum modo necessário, porque basta uma elite, pouco numerosa mas fortemente constituída, para dar uma direção às massas, que obedeceriam às suas sugestões sem mesmo terem a menor idéia da sua existência nem dos seus meios de ação; a constituição efetiva dessa elite será ainda possível no Ocidente?". (pág. 156/157)

49. "A elite a que nos referimos, se chegasse a formar-se enquanto é ainda tempo, poderia preparar a mudança, de tal modo que ela se produzisse nas condições mais favoráveis e que a perturbação que a acompanhará inevitavelmente fosse de qualquer modo reduzida ao mínimo; mas mesmo se não fosse assim, ela terá sempre outra tarefa ainda mais importante, a de contribuir para a conservação do que deve sobreviver ao mundo atual e servir para a edificação do mundo futuro". (pág. 157/158)

50. "Ora parece que não existe no Ocidente senão uma única organização que possui caráter tradicional e que conserva uma doutrina suscetível de fornecer uma base apropriada ao trabalho em questão: é a Igreja católica. Bastaria restituir à doutrina desta, sem nada modificar da forma religiosa segundo a qual ela se apresenta no exterior, o sentido sagrado que ela tem realmente em si mesma, mas de que os seus atuais representantes parecem já não ter consciência, não mais do que da sua unidade essencial com as outras formas tradicionais; as duas coisas, aliás, são inseparáveis uma da outra. Isso seria a realização do Catolicismo no verdadeiro sentido da palavra, que etimologicamente exprime a idéia de 'universalidade', o que esquecem um pouco aqueles que quereriam não fazer dela senão a denominação exclusiva de uma forma especial e puramente ocidental, sem qualquer laço efetivo com as outras tradições; e pode-se dizer que, no estado atual das coisas, o Catolicismo só tem uma existência virtual, visto que não encontramos realmente nele a consciência da universalidade". (pág. 160)

51. "Acontece que aqueles que julgam ter escapado ao 'materialismo' moderno são recapturados por coisas que, parecendo opor-se-lhe, são, na realidade, da mesma ordem; e dado o tipo de espírito dos ocidentais, convém a esse respeito colocá-los mais particularmente em guarda contra a atração que podem exercer sobre eles os 'fenômenos' mais ou menos extraordinários; é daí que provêm, em grande parte, todos os erros 'neo-espiritualistas' e é de prever que esse perigo se agrave ainda mais, porque as forças obscuras que alimentam a desordem atual encontram aí um dos mais poderosos meios de ação. É mesmo provável que não estejamos já muito longe da época à qual se refere essa predição evangélica que recordamos noutro lado: *'levantar-se-ão falsos cristos e falsos profetas que farão grandes prodígios e maravilhas tais que, se isso fosse possível, até os eleitos seriam seduzidos'*". (pág. 165)

52. "Entramos num tempo em tempo em que se tornará particularmente difícil 'separar o trigo do joio', efetuar realmente o que os teólogos chamam o 'discernimento dos espíritos' em virtude das manifestações desordenadas que não farão senão intensificar-se e multiplicar-se, e também em virtude da falta de verdadeiro conhecimento entre aqueles cuja função normal deveria ser a de guiar os outros e que hoje não são, muitas vezes, mais do que 'guias cegos' ". (pág. 165/166)

53. "Aqueles que hão-de chegar a vencer todos esses obstáculos e a triunfar da hostilidade de um meio oposto a toda a espiritualidade, serão, sem dúvida, pouco numerosos; mas ainda desta vez não é o número que importa, porque nos encontramos num campo em que as leis são diferentes das da matéria". (pág. 166)

(Excertos selecionados e adaptados por José Monir Nasser da obra "A Crise do Mundo Moderno" de René Guénon publicada em 1977 pela editora Vega).